



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10769 - Resumo Expandido - Trabalho - XIV ANPED SUL (2022)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 12 - Filosofia da Educação

**FILOSOFIA COM CRIANÇAS PENSADA PELO CUIDADO DE SI: O QUE É POSSÍVEL NO CONTEMPORÂNEO?**

Gabriela Venturini - UNISINOS/PPGE - UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS  
 Marcelo Felipe Vier - UNISINOS/PPGE - UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS

Sabrina Lermen - Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

**FILOSOFIA COM CRIANÇAS PENSADA PELO CUIDADO DE SI:**

**O QUE É POSSÍVEL NO CONTEMPORÂNEO?**

Este texto tem como intuito problematizar, por meio de nossas pesquisas em um Programa de Pós-Graduação em Educação, o conceito de filosofia com crianças pensado a partir do cuidado de si. Usamos a filosofia com crianças, baseada em Walter Kohan, para defender o posicionamento de um trabalho que opera com a vida nas escolas. Daí a necessidade de vincularmos o cuidado de si como uma prática que se estabelece sempre na relação com o outro. Somos professores da educação básica e encontramos, na pesquisa e na filosofia, brechas que nos mostram alguns outros possíveis em meio às práticas pedagógicas neoliberais atuais. É sabido o quanto a escola - na verdade, uma pequena parte da população se refere a esta *escola*; enquanto isso, a maior parcela da população brasileira ainda está lutando por acesso e por condições de permanência na escola - está cada vez mais imersa nesses discursos e quanto vem produzindo sujeitos empreendedores, *gamers*, programadores, donos de si. Sujeitos que fazem, *makers* - do inglês *make* = fazer.

Na contramão, também há um bravo grupo de pesquisadores e professores que vêm lutando para defender a *escola*, a forma escola, a instituição escola, e o mais importante: a função social da escola. Para além dessas discussões que, por vezes, nos colocam em binarismos difíceis de serem traduzidos para o diálogo comum, para o

“chão da escola”, escolhemos falar sobre aquilo que é possível e que é fruto da união que fazemos entre a filosofia, as crianças, a pesquisa, nossos lugares de fala e nossa crença de que a escola ainda é o lugar onde nos equipamos para a vida e onde produzimos pensamento. Neste sentido, destacamos a força que o tempo presente tem naquilo que produzimos, pensamos junto com a provocação de Giorgio Agamben (2009, p. 62), quando ele diz que o contemporâneo “[...] é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro”. Ou seja, lemos, escrevemos, discutimos na escola e junto com a escola, para que as brechas possíveis aconteçam neste tempo presente.

Com isso, entendemos que a filosofia é potente para problematizar algumas práticas neoliberais que fazem parte daquilo que fazemos nas escolas e para colocar em suspensão o tempo e o espaço escolar, a fim de produzirmos pensamento a partir do exercício do cuidado de si. Acreditamos que a necessidade da autonomia de pensar de cada ser humano nos faz reconhecer o pensamento filosófico como base da educação. Pautamos nossas crenças, ainda, no sentido de que a filosofia representa uma forma de resistência: resistência ao totalitarismo, à escola sem partido, ao negacionismo, ao *homeschooling*. Assim sendo, descrevemos agora os conceitos do cuidado de si e da filosofia com crianças, para posteriormente, pensarmos nas possibilidades dessa relação.

O cuidado de si, conceito amplamente estudado por Michel Foucault (2017), se constitui a partir de práticas e técnicas de si que produzem modos de subjetivação. Começamos por ele, pois vemos a impossibilidade de pensar a vida e com a vida, sem o exercício do cuidado de si. Para Foucault, este conceito pode ser observado em três momentos distintos ao longo da história. Interessa-nos pensar o cuidado de si do segundo momento definido por Foucault, com os estóicos, cínicos e epicuristas. É a época de ouro do cuidado de si. Para os antigos filósofos, a estética da existência se justifica pelo seu fim. A morte entendida como o ápice da vida e não o seu fim. Aqui o cuidado de si aparece como o cuidado com a vida, a criação de uma existência bela e de uma reputação, sendo essa a única preocupação do que ficará após a morte.

Assim, o cuidado de si poderá então estar inteiramente centrado em si mesmo, naquilo que se faz, no lugar que se ocupa entre os outros; ele poderá estar totalmente centrado na aceitação da morte. “[...] Ele poderá ser, ao mesmo tempo, senão um cuidado dos outros, pelo menos um cuidado de si benéfico para os outros” (FOUCAULT, 2017, p. 267). Isso quer dizer que o cuidado de si *serve* para que bem cuidemos de nós e dos outros, para que bem cuidemos do que é comum. E isso sem romantizar o cuidado de si, que é uma prática diária e laboriosa, que exige uma atenção do sujeito, uma conversão do olhar para si.

Conversão em que “[...] é preciso, durante toda a vida, voltar a atenção, os olhos, o espírito, o ser por inteiro, enfim, na direção de nós mesmos” (FOUCAULT,

2010, p. 186). Um exercício de reflexão sobre si mesmo que necessita ser feito durante toda a existência. Reflexão para a transformação que parte de uma atitude ética em relação a nós mesmos e que também se reflete nas práticas políticas, no encontro com os outros. Na conversão do olhar para o cuidado de si, exercita-se uma atenção, uma atitude de não perder de vista a si mesmo, em que a transformação nos desconforta na busca por constituirmos a nós mesmos. Mas que também possibilita o afetar-se, o deixar-se tocar pela relação com os outros

Evidenciamos este ponto que muito nos interessa aqui: o cuidado de si aparece sempre atravessado pelo outro. O mestre convida o outro a cuidar de si e conduz o outro a partir de seu próprio cuidado de si. Por isso convergimos o conceito com o nosso objeto de discussão, que é pensar a necessidade da educação filosófica na escola como equipagem para o cuidado de si, este cuidado que é equipagem para suportar e criar esteticamente uma vida bela. Nesta esteira, transpomos a lógica para o contemporâneo e pensamos na filosofia como prática de cuidado de si dentro da escola, como mote para lidar com a provocação ao pensamento e para discutir modos de lidar consigo, com o outro e com o mundo. Entendemos essa prática como operante da criação e transformação em princípios de ação e de vida.

A filosofia com crianças pode ser explicada como uma postura de trabalho com crianças, um modo de ser e estar presente pensando junto e coletivamente com as crianças. A ideia de uma filosofia que ensinasse as crianças a pensar emergiu do filósofo Matthew Lipman, na década de 1960. Lipman criou o Programa Filosofia para Crianças, que tinha como objetivo instigar o desenvolvimento das habilidades cognitivas de crianças e jovens a partir das investigações filosóficas. Na década de 70, com assistência de autores parceiros e com a criação do *Institute for the Advancement of Philosophy for Children (IAPC)* na cidade de Montclair, New Jersey - EUA, seus estudos e o trabalho de filosofia para crianças cresceu e se proliferou no mundo todo, chegando ao Brasil na década de 80.

A partir deste método criado por Lipman, Walter Kohan, que foi orientado por ele em seus estudos, criou a perspectiva da filosofia com crianças. Para Kohan (2016), pensar é um ato emancipatório da ordem do coletivo, pensar é um exercício da vida e para a vida. Kohan pesquisa a filosofia com crianças há décadas e, através das suas publicações e das publicações com seu grupo de pesquisa na UERJ, o NEFI (Núcleo de Estudos de Filosofias e Infâncias), contribui significativamente para este campo, sendo referência no Brasil nessa temática. O NEFI nos ajuda a pensar *os comos* e *os possíveis* de um trabalho com filosofia nas escolas. Neste sentido explicamos que há uma diferença metodológica e empírica dos termos filosofia para crianças e filosofia com crianças. Destacamos desta feita que nosso texto se concentra em falar sobre o trabalho de filosofia com crianças.

Assim, vemos a filosofia como possibilidade de equipagem para o trabalho do

cuidado de si que, por sua vez, torna-se equipagem - o termo equipagem vem de *paraskeuê*, do grego, equipamento. É um conceito amplamente operado por Foucault em suas obras, principalmente em *A Hermenêutica do sujeito* (2010) - para a vida. Isso porque entendemos que o cuidado de si é uma prática laboriosa e diária que transforma a existência de quem se propõe esta prática de cuidado. A filosofia que defendemos não é a institucionalizada que ensina verdades absolutas sobre questões filosóficas, mas justamente a que se aproxima do cuidado de si, que provoca o pensamento, que faz questionar, criar fissuras nas verdades pré-estabelecidas e criar outros modos de lidação com a vida. Compreendendo a escola como um lugar possível de pensamento, defendemos a prática da filosofia e do cuidado de si nas escolas como práticas de transformação do ser do sujeito, que ajudam a suportar a vida e que agenciam a resistência.

É importante destacar que a filosofia com crianças não é uma prática direcionada apenas às crianças, cronologicamente falando. Entende-se infância num sentido mais amplo, como um estado, um modo de vida, não apenas uma fase. Portanto, a filosofia com crianças é uma prática que pode ser operada com diferentes grupos e que busca provocar o exercício do pensamento e da transformação de si mesmo através do exercício filosófico. Prática que se pergunta pela, sobre e desde a vida.

Apesar de uma pequena preocupação em instigar o pensamento infantil para a atitude filosófica já ter seus indícios na Grécia Antiga, é sabido que a filosofia sempre foi destinada a uma exímia parte da população, na, então, Antiguidade era algo dos deuses. Platão, na obra “*A República*”, foi o primeiro filósofo que escreveu como poderia ser a educação das crianças. Contudo, o ensino filosófico não se estruturava diretamente às crianças, mas a uma certa menção a elas como alguém cujo pensamento poderia evoluir, a partir da filosofia. Deste modo a filosofia com crianças mostra-se como um campo novo, até porque as crianças e a construção de seus direitos também o são, mas esta seria outra escrita.

Em nossas pesquisas de Mestrado e Doutorado, vivenciamos a filosofia com crianças para pensar a vida nas escolas. Buscamos levar para os estudantes e professores, através de oficinas, a possibilidade de pensarmos sobre nosso contemporâneo atravessados pela vida. As oficinas oportunizaram a percepção de uma outra relação entre nós, a escola e a vida. Perguntas como “quem inventou o tempo? Quanto tempo de ócio e de silêncio experimentamos na escola? Onde deixamos a desejar que não formamos leitores (que entende ou interpreta o que lê)? Como criar outras perspectivas de vida, ampliar horizontes, como atingir para sair do marasmo que muitos dos nossos estudantes vivem? O que estamos fazendo quando, ao ler uma produção textual, corrigimos erros ao invés de olhar para o que essa pessoa está querendo dizer? Com o que “gastamos” a vida? Quem hoje realmente escreve na escola? Quando viramos a chave do encantamento na escola, da criança encantada

com as coisas para o adolescente desencantado com tudo? Cheguei aos 40 e ainda me pergunto, quem eu sou?” ilustram uma parte do que vivemos, questionamentos que partiram dos coletivos das oficinas.

Essas oficinas, que se constituem como a empiria de nossas pesquisas e que foram feitas com estudantes e professores, partiram da problematização de uma temática e foram se constituindo no decorrer dos encontros, tal qual ocorre, geralmente, com os trabalhos de filosofia com crianças. Segundo Kohan (2016), inicialmente tem-se uma ideia de caminho, porém este se faz com o grupo participante conforme acontecem os exercícios de pensamento. Isso quer dizer que os próprios pensamentos que vão sendo produzidos servem de mote para as discussões posteriores. Tais problematizações iniciais podem ser feitas com diferentes materialidades: textos, livros, histórias, palavras, imagens, filmes, objetos, enfim, vai depender da intencionalidade de quem media a oficina. Nas oficinas que ministramos em nossas pesquisas, operamos com literatura, cinema, objetos não estruturados - materialidades de ordem natural, tais como pedaços de madeira, galhos, flores secas, entre outros - e imagens.

Nesse sentido, as propostas não se fecham no trabalho de filosofia *para crianças*, mas se abrem no trabalho de filosofia *com crianças*, que procuram valorizar a experiência da diferença, do dissenso ao invés do consenso. Que não buscam pensar juntos no sentido do mesmo, mas no sentido do estar ao lado, do encontrar-se com. Um partilhar de vivências e experiências de cada singularidade no exercício do cuidado de si. Um ser autor/a do seu próprio caminho, mas também de um compartilhar as diferenças com o outro.

De modo preliminar, os resultados indicam, por meio da partilha de nossas oficinas, com nossos autores e com nossos colegas de um grupo de pesquisa que lê, escreve, discute e pensa a filosofia como uma prática escolar, que uma educação filosófica na contemporaneidade atenta mais às perguntas que fazem pensar do que às respostas. Uma educação que atravessa a existência de todos os envolvidos na escola, sejam estudantes ou professores. Ressaltando que o mestre convida o outro ao cuidado de si por estar envolvido no seu processo de cuidado, mas que também a educação operada pela filosofia com crianças acontece com o mestre que se implica junto na criação de subjetivação. Afinal, trata-se da ideia de infância num sentido amplo, que pode atravessar toda a vida. Nessa perspectiva, não há verdades a acessar, mas o exercício de pensar junto e, pelo pensamento, criar possibilidades outras de ser e estar no mundo, de relação consigo e com o outro.

Estamos longe de pensar que as oficinas foram práticas operantes da criação e transformação em princípios de ação e de vida, como pensado, pois elas são micro: micro resistências, microfissuras. Todavia, elas podem ser pensadas como possíveis. A filosofia não se coloca como resposta, solução ou receita para os sintomas decorrentes dos discursos que mencionamos na introdução deste texto. Ela se abastece

da equipagem e acontece na vida, na relação com o outro, por isso não se trata de transformar nada nem ninguém, mas de equipar-se com o exercício do cuidado de si, para que as questões da vida possam ser pensadas coletivamente.

Nosso intuito ao fazer pesquisa nas escolas, amparados pela filosofia, é ampliar nosso entendimento sobre a vida, sobre uma vida *boa* de ser vivida, uma vez que entendemos que o compromisso da escola é este. Estamos todos esgotados da sujeição aos modelos que nos são dados e esgotamos do que estamos produzindo diariamente nas escolas hoje. Nas escolas, produzimos uma responsabilização e culpabilização pelo não atendimento das demandas. Sai de cena o cuidado de si, a atenção consigo mesmo, para emergir no neoliberalismo o sujeito da “sociedade do desempenho” (HAN, 2017, p. 27). Precarizamos a nós mesmos, entupindo nossas vidas de tudo aquilo que desvia nosso olhar para nós mesmos, que não exercita o cuidado de si. Assim, travamos uma guerra conosco, cuja fuga se torna interminável, porque o “tratado de paz” está sempre mascarado pelos ideais neoliberais que são comprados por nós mesmos.

Por tudo isso, reafirmamos a filosofia como o outro, como o avesso. Equipados da sua prática com crianças e do atravessamento do cuidado de si, pensamos que práticas filosóficas com crianças são não só os *possíveis*, mas também necessárias nas escolas hoje. Acreditamos que as trocas, as discussões e os pensamentos que são produzidos através de tais práticas, consolidam pequenas brechas de resistência nas escolas. Resistências necessárias em meio ao avanço incansável do desmonte da educação pública em nosso país.

Assim, as primeiras conclusões permitem refletir que é dentro do espaço da escola e na relação que estabelecemos com nossos iguais que a filosofia sai do ideal da superioridade ou de uma certa sabedoria e se aproxima das crianças, jovens, dos professores e todos e todas produzindo a premissa da igualdade. O trabalho de filosofia com crianças na escola nos ajuda a lutar pela igualdade como ponto de partida, não de chegada. No contemporâneo, essa é uma resistência possível.

**PALAVRAS-CHAVE:** Filosofia com crianças. Cuidado de si. Pensamento.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, GIORGIO. “O que é o Contemporâneo?” In: **O que é o Contemporâneo? e outros ensaios**. Tradução Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.

FOUCAULT, Michel. **A Hermenêutica do Sujeito**. Curso dado no Collège de France

(1981-1982). 3.ed. Tradução de Márcio Alves da Fonseca e Salma T. Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. A ética do cuidado de si como prática de liberdade. IN: FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade, política**. Org. Manoel Barros da Motta. Tradução Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 3.ed, 2017. (Ditos e Escritos; V).

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2017.

KOHAN, Walter Omar. A necessidade do impossível: pensar, ensinar, ler... a filosofia de uma escola popular. **Leitura: Teoria & Prática**, Campinas/SP, v.34, n.67, p.13-25, 2016.